UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

55

INSCRIÇÕES 252-257



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1997 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





UM GRAFITO SOBRE A MULHER DE ÚRBICO

Tigela de *terra sigillata* hispânica, do vale do Ebro, forma Dragendorff 37, proveniente de Torre de Palma (concelho de Monforte, *conventus Pacensis*). Guarda-se no Museu Nacional de Arqueologia, onde detém o n.º de inventário 10001-14312-82 (¹). Fragmentada, incompleta (as fracturas levaram parte do letreiro) e parcialmente restaurada, apresenta decoração moldada numa banda de metopeias separadas por palmetas entre linhas onduladas (²).

O grafito, gravado após a cozedura, encontra-se no bordo. Diâmetro do pé: 8,1 cm.

VRBICI VXSOR IIST CRII[R?]IIMINA [...?]

A mulher de Úrbico é ...

Altura das letras: entre 2 (I) e 1 (O).

Caracteres cursivos, gravados "ao correr" do estilete. Umas vezes privilegiam-se as formas curvilíneas (caso do primeiro C, do O aberto em baixo); outras, as angulosas (vejam-se os RR, o segundo C). Assinale-se o nexo VR e a grafia II = E.

O normal, num caso destes, é acusar a mulher de um crime, especialmente de adultério, o "crime" por excelência. Parece claro que a quarta palavra — certamente um adjectivo — começa por CRE; assim:

a) ou se trata de um termo vulgar — e, como tal, 'desconhecido' nos vocabulários — aparentado com os radicais *crim*-, de "crime", ou *crem*-, de "queimar";

⁽¹) Esteve patente ao público na exposição *Portugal: das Origens à Época Romana*, inaugurada em 1989; consta, por isso, da respectiva lista policopiada, na p. 37.

⁽²) É um motivo que aparece no n.º 1390, est. CLVIII, da obra de F. Mayet, Les Céramiques Sigillées Hispaniques, Paris, 1984.

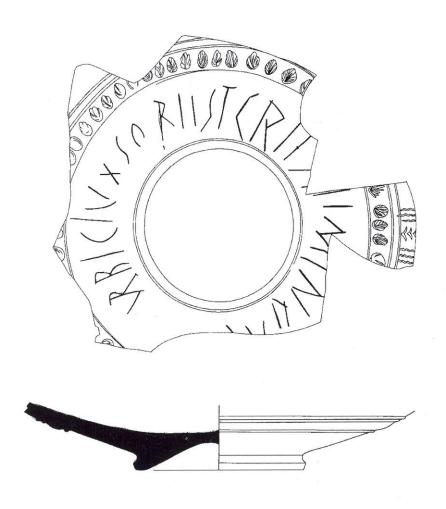
b) ou o autor do grafito, por não saber escrever (ou por *não* querer saber escrever), errou a grafia, repetindo a sílaba re (a junção das sílabas crere não está registada).

Tanto num caso como noutro, o significado — social e cultural — do grafito é claro; alguém aproveitou este "meio de comunicação" para dar a conhecer as aventuras amorosas da mulher de Úrbico — ela é "adúltera" (*criminalis?*), ela é... "fogo" (se considerarmos o radical aparentado, por exemplo, com *cremia*, 'lenha seca para acender o lume'), dando-se a 'fogo' uma conotação sensual.

Na Península, o antropónimo *Urbicus* regista-se, por exemplo, em Aguilar de Campo (CIL II 6296 = ILER 134): é o dedicante, no séc. II, dum altar a I. O. M. No feminino, encontra-se em Valera (Cuenca), como cognome duma *Fabia* (CIL II 3194 = ILER 2558, finais do séc. I) e em Talavera de la Reina (CIL II 924 = ILER 4004). Trata-se de um cognome latino muito próprio da cidade de Roma, onde, segundo I. Kajanto (³), se conhecem quase metade dos testemunhos incluídos no conjunto do CIL (74 em 179). Houve, no séc. II, um senador com esse nome. Não admiraria, portanto, que esta tigela tivesse circulado primordialmente em ambiente de ascendência alheia à Península.

Atendendo à tipologia, pode atribuir-se-lhe uma datação que vai dos finais do século I a meados do século II.

⁽³⁾ The Latin Cognomina, Helsínquia, 1965, p. 311.



UM GRAFITO ROMANO DE TORRE DE PALMA

Taça de *terra sigillata* hispânica, do vale do Ebro (¹), com a forma Dragendorff 27, procedente da sepultura n.º 27 de Torre de Palma (Monforte). Detém, no Museu Nacional de Arqueologia, o n.º de inventário 10002-24-78 (²).

Pasta calcítica, engobe manchado mas aderente e com muito brilho nalgumas áreas.

Está inteira e ostenta um grafito gravado após a cozedura no interior do sobrelanço.

Dimensões: altura – 3,7 cm; diâmetro do bocal – 9,1 cm.

C [?] EM FVRNIAE

[?] de Fúrnia.

Altura das letras: entre 0,7/1,2.

Não conseguimos identificar a primeira letra, que tanto pode ser um C, de forma estranha, como um L com traço oblíquo na parte superior. EM lê-se bem, mas não se lobriga, à primeira vista, o que possa significar, porquanto também não parece haver vestígios de letras antes do F da palavra seguinte.

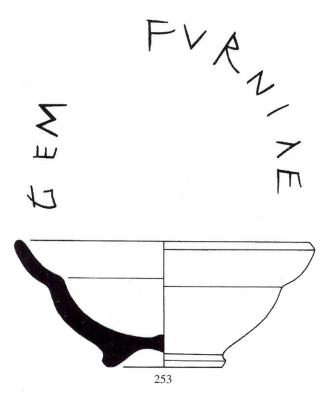
Os caracteres representam um compromisso entre o cursivo e o actuário; as hastes do F e do E são longas e onduladas; o R anguloso e de perna levantada; o A assemelha-se a um lambda.

⁽¹) Cf. F. Mayet, Les Céramiques Sigillées Hispaniques, Paris, 1984, n.° 114, p. 27, est. LXV.

⁽²) Esteve patente ao público na exposição *Portugal: das Origens à Época Romana*, inaugurada em 1989; consta, por isso, da respectiva lista policopiada, na p. 37.

Furniae será, decerto, um genitivo de posse. Furnius é gentilício não documentado na epigrafia do conventus Pacensis e de que também poucos testemunhos há na Península: T. Furnius Proculus foi um dos duúnviros que, na região de Braga, se encarregou duma homenagem ao imperador Adriano (ILER 1127 = CIL II 2381); Furnia Auctina morreu em Écija com quarenta anos (ILER 3019 = CIL II 1497); Furnia Turraniana erigiu ex iussu, em Badajoz, um ex-voto a I. O. M. (ILER 148 = CIL II 1015). Nos quatro volumes de Hispania Epigraphica publicados até ao momento, apenas mais um testemunho se regista, procedente de Córdova (segundo opinião de Armín Stylow): C. Furnius Fortunatus, decurião da Colónia Augusta Firma (HEp 3 1993, n.º 341). A "proprietária" da taça será, pois, verosimilmente, de ascendência itálica.

De acordo com a tipologia, a peça é datável de desde os finais do século I a meados do II.



Ficheiro Epigráfico, 55, 1997

GRAFITO NUM PÚCARO DE TORRE DE PALMA

Púcaro de cerâmica comum, procedente da sepultura n.º 27 de Torre de Palma (concelho de Monforte, *conventus Pacensis*). Detém, no Museu Nacional de Arqueologia, o n.º de inventário 10002-7-79 (¹).

Bordo revirado para o exterior; lábio aprumado. Teria, muito provavelmente, uma só asa, de fita, com dois sulcos longitudinais. Bojo ovóide com uma ranhura no ombro. Pequeno pé de bolacha.

Pasta micácea e fina, de cor ocre clara (Munsell 7,5 YR 8/3).

Ostenta um grafito na base, gravado após a cozedura.

Dimensões: altura — 8,5/8,9 cm; diâmetro do bojo — 10 cm.

N(umerius?) LI(cinius) [?] AVITI [?] (filius) PA(ternus) [?] A(ve) [?] V(ale) [?]

Numério (?) Licínio (?) Paterno (?), filho de Avito (?). Olá! Passa bem!

Altura das letras: 1/2,2 cm.

Caracteres cursivos. Hedera cordiforme.

Tendo em conta a hera precedida por o que se nos afigura apenas uma sigla – N? – e considerando sem significado o traço oblíquo inicial, poderemos pensar que se trata da identificação duma personagem: N seria o *praenomen*; em seguida viria um *nomen*: LI (abreviatura de *Licinius*?). Depois parece ler-se AXITIPA, que, em si, nada significa; a hipótese *Aviti* (*filius*) *Pa(ternus*) apresenta-

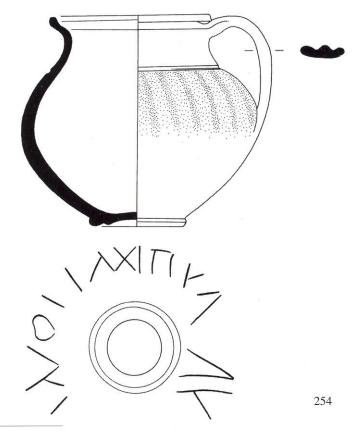
⁽¹) Esteve patente ao público na exposição *Portugal: Das Origens à Época Romana*, inaugurada em 1989; consta, por isso, da respectiva lista policopiada, na p. 37.

-se-nos plausível. Quanto às duas letras finais, que estão nitidamente separadas das restantes, a interpretação de saudação não será, talvez, despicienda.

Contudo, hemos de convir que estamos perante uma interpretação deveras dubitativa.

Toda a onomástica reconstituída é frequente na Península. E este modo de identificação — com os *tria nomina* e a filiação à maneira indígena — enquadra-se bem na segunda metade do séc. I, como, de resto, o sugere a própria forma (²).

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO JEANNETTE U. SMIT NOLEN



⁽²) Vide peça E 10,6 (est. XLII) in: Nolen (Jeannette U. Smit) e DIAS (Luísa F.), "A necrópole de Santo André, parte II — Os materiais", *Conimbriga* 20 1981 33-178.

PRATO COM GRAFITO DA TAPADA DAS EIROZES (MARCO DE CANAVESES)

Prato de *terra sigillata* hispânica do vale do Ebro (forma Dragendorff 15/17 tardia), inteiro, exumado da sepultura 5 da necrópole romana da Tapada das Eirozes, situada na freguesia de Ariz, concelho de Marco de Canaveses (¹). Guarda-se no Museu Nacional de Arqueologia, onde detém o n.º de inventário 16596.

Pasta calcítica, de engobe fino, alaranjado, pouco brilhante, muito gasta internamente. Ostenta grafito na parede exterior, gravado após a cozedura; do lado oposto ao espaço entre as duas palavras, uma seta dupla.

Dimensões: altura — 5,4 cm; diâmetro do bordo — 22,6 cm.

RIONI RIINI

Altura das letras: 1,5 em média $(1.^{\circ} R = 2,5)$.

Caracteres actuários. R de perna muito lançada para diante, recta, sobre que assenta o I.

Não parece haver dúvidas na leitura, a não ser que se interprete como *hedera* o que considerámos O.

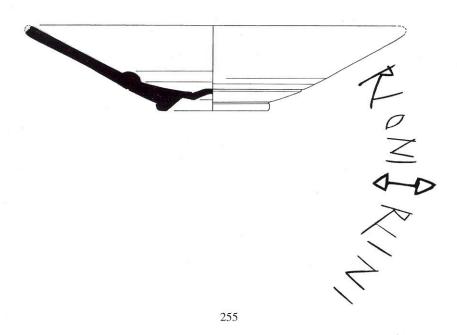
Uma primeira ideia seria optar pela repetição da mesma palavra; não se nos afigura verosímil, atendendo à diferente grafia, porquanto os caracteres se encontram bem desenhados, o que dificilmente justificaria uma distracção. O mais adequado, uma vez que estamos perante dois genitivos é interpretar as palavras como

⁽¹) Sobre esta necrópole e outras do mesmo concelho, cf. DIAS (Lino A. Tavares), "Necrópoles no *territorium* de *Tongobriga*", *Conimbriga* 32-33 1993-1994 107-136.

antropónimos e, assim, teríamos aí a identificação do proprietário: um gentilício e um cognome.

Sucede, todavia, que, nesse caso, se trata de onomástica não registada. O primeiro nome poderia ser *Rionius*, que, segundo cremos, não está ainda documentado. Assemelha-se-lhe *Rhion*, nome de um rio e de uma cidade da Acaia. O segundo seria o genitivo de *Riinus* ou (lendo II = E) *Renus*. De parecido apenas encontrámos o nome do rio Reno, *Rhenus* ou *Rhinus*, de que I. Kajanto (*The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 302) regista quatro testemunhos no conjunto do CIL. Curiosamente, ambos os nomes — caso o sejam — sugerem uma conotação geográfica. Nada mais, porém, se pode adiantar.

Pela forma, é susceptível de datar-se de meados do século II em diante.



UM GRAFITO ROMANO DA TAPADA DAS EIROZES (MARCO DE CANAVESES)

Jarrinho de cerâmica comum exumado da sepultura 5 da necrópole romana da Tapada das Eirozes, situada na freguesia de Ariz, concelho de Marco de Canaveses (¹). Guarda-se no Museu Nacional de Arqueologia, onde detém o n.º de inventário 16525 (²).

Fundo raso, pé de bolacha, bojo ovóide, bordo contracurvado para o exterior; no ombro, uma zona com linhas verticais brunidas, delimitada com rincão duplo; no colo, outra linha brunida, em ziguezague muito irregular.

Pasta fina, de cor laranja-acastanhada; engobe preto, fino e com brilho; estrias do torno na base.

O grafito, gravado após a cozedura, encontra-se sobreposto na decoração do ombro e termina com uma palmeta por cima do arranque duma asa que ora falta.

Dimensões: altura, 12,5 cm; diâmetro do bojo, 8,6 cm.

TANGINI COPONI[L]LA FILBEIGA

Caracteres cursivos: A sem barra (à excepção do último), assemelhando-se a um lambda, como é habitual neste tipo de inscrição; G de haste comprida, para baixo, feito a partir de um C (mormente o primeiro); L de barra oblíqua para baixo; O feito em segmentos, devido à dificuldade de gravação.

⁽¹) Sobre esta necrópole e outras do mesmo concelho, cf. DIAS (Lino A. Tavares), "Necrópoles no *territorium* de *Tongobriga*", *Conimbriga* 32-33 1993-1994 107-136.

⁽²) Esteve patente na exposição *Portugal: Das Origens à Época Romana*, inaugurada em 1989; consta, por isso, da respectiva lista policopiada, na p. 31.

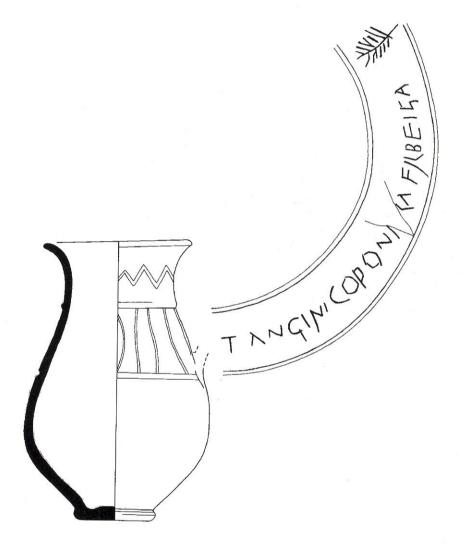
Tangini, como genitivo de posse, parece identificar-se sem problemas, tão comum é este antropónimo pré-romano na epigrafia peninsular, mormente na Lusitânia.

A dificuldade de interpretação da legenda reside, naturalmente, na ausência de separação entre as palavras. No entanto, não será, decerto, inverosímil isolarmos COPONI[L]LA ou COPONA— a escolha de uma ou de outra depende de se considerar se a fractura truncou a letra ou não. *Copona* é forma popular de *caupona*, "taberna", "estalagem"; *coponilla* poderia ser também uma forma popular do diminutivo *cauponula*, "estalagem pequena", "pequena taberna". Inclinamo-nos para esta segunda hipótese.

Ficariam, pois, as letras FILBEIGA (de preferência a FILBEISA). FIL poderia parecer, à primeira vista, a abreviatura de FIL(*ius*, -*ia*) — mas não se crê admissível uma filiação na sequência da frase. O que poderia esperar-se aí? O nome do recipiente? Talvez. Um antropónimo? Pouco provável. Um voto de felicidades, uma saudação? — é a hipótese que mais conviria. Sucede, porém, que, no momento, não encontramos palavra que, de perto ou mesmo de longe, se lhe assemelhe.

Em síntese: a inscrição identificaria um jarrinho "da pequena taberna de Tangino" e faria, decerto, uma saudação ou formularia um voto a quem dele se utilizasse.

Pela tipologia, atribui-se-lhe, dubitativamente, uma cronologia do século II.



256

FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO DE C. HEIVS PRIMVS, PROVENIENTE DE LISBOA

O fragmento de epígrafe que publicamos foi encontrado em Agosto de 1985, graças a obras então efectuadas no rés-do-chão do prédio n.º 4 da Rua da Saudade, freguesia de Santiago, em Lisboa¹.

Encontra-se reaproveitado numa pilastra de um edifício de construção pós-pombalina. Alguns dos orifícios que apresenta na sua face epigrafada sugerem que tenha anteriormente sido utilizado como verga de porta ou de janela, o que justifica a inexistência de qualquer erosão da inscrição.

De lioz rosado, apresenta uma forma paralelepipédica, estando partido nos seus lados esquerdo e direito. Conserva as dimensões máximas de: Comprimento: 121,7 cm. Altura: 42 cm. Espessura: 9 cm. O campo epigráfico foi talhado de forma côncava e polido, tendo ainda a face epigrafada provavelmente sido moldurada no topo e na base. Foram estas características morfológicas da epígrafe que obrigaram a que ela fosse picada no topo e na base, para obter uma superfície lisa para o reaproveitamento da pedra. A picotagem não apenas destruiu as molduras, mas atingiu o próprio texto, danificando longitudinalmente a base das letras.

A epígrafe desenvolve-se em apenas uma linha, sendo as letras do tipo capital quadrado e talhe profundo, com a altura de 8 cm. O «P» é aberto e os pontos divisores são triangulares, de ângulo para baixo, não se encontrando o primeiro escavado no seu interior.

⁽¹) Esta epígrafe foi já sumariamente noticiada por Irisalva Moita, 1995, "Notícias de novos achados e documentos referentes ao Teatro Romano", *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa, p. 372-377.

Leitura:

[...] VS • PRIMVS • DEDIT

A inscrição está naturalmente relacionada com o flâmine augustal perpétuo C. Heio Primo que, em 57, reconstruiu a expensas suas o *proscaenium* e a *orchestra*, com os seus ornamentos, do teatro de *Olisipo*². A morfologia da epígrafe que agora editamos permite-nos atribuí-la a um lintel, seja do próprio teatro, e talvez de uma entrada do *aditus maximus*, seja de qualquer outra construção próxima do teatro, que este flâmine tenha dedicado, dada a contiguidade ao teatro romano da sua actual utilização.

Laura Trindade A. M. Dias Diogo



257

⁽²) A. M. Dias Diogo, 1993, "O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações", *Cuadernos de Arquitectura Romana*, Múrcia, p. 217-224.